

A atuação das FARC na região cocaleira colombiana

Daniel Simões Oliveira¹

Daniel Simões é mestre em Relações Internacionais pela Unicamp (programa Santiago Dantas).

Introdução:

Um dos conceitos mais utilizados nas ciências humanas como elemento de análise da realidade é o conceito de Região. Apesar de sua origem ligada ao desenvolvimento da Geografia, em especial a escola francesa, cujas análises praticamente se reduziam à tentativa de descrever a região, o conceito se espalhou de forma notável por diversas disciplinas e inclusive pelo chamado “senso comum”, sem que houvesse qualquer proximidade de consenso no que se refere a sua definição e consistência. O presente trabalho busca, neste sentido, analisar uma região importante do território colombiano de forma a considerar que tal porção territorial é dotada de uma série de peculiaridades que a tornam diferente do restante do território nacional. A região em questão é delimitada pela presença de uma vigorosa atividade econômica ligada à economia do narcotráfico e pela intensa mediação política exercida pelas guerrilhas das FARC, que por força de armas, são capazes de atuarem como entidades políticas não formais com amplos poderes em termos de organização territorial. Essas características internas, somadas ao papel desempenhado por tal região no complexo da economia global (ou na divisão internacional do trabalho), são os elementos-chave para que se possa reafirmar a relevância do conceito e seu potencial explicativo no mundo contemporâneo.

A região será tomada ao longo deste trabalho como entidade política, construída e definida por apresentar um arranjo político e econômico internos bem caracterizados, ao qual deverá ser somado o papel representado pela mesma no contexto das totalidades em que se insere, representadas pelo significado da região para a realidade nacional e

¹ profdsimoes@gmail.com

estrangeira. Desta forma, será aqui apresentada uma história da ocupação da região, desde os movimentos pioneiros até a consolidação das guerrilhas das FARC, passando pela expansão e difusão da narcoeconomia e os impactos daí decorrentes.

O Espaço Cocaleiro

A Região Cocaleira encontra-se situada nas porções sudeste e sul do território colombiano e compreende os departamentos de Putumayo, Meta, Guaviare, Caquetá, Vichada e Nariño que concentram sozinhos mais de 2/3 da produção cocaleira nacional. A Colômbia é hoje o maior produtor mundial de cocaína e, junto com Bolívia e Peru, mantém grandes extensões de cultivos de Coca, folha que serve de base para a produção da cocaína e que alimenta uma economia informal de grande presença na composição dos empregos nacionais². Além disso, a região conhece uma expansão crescente dos cultivos de papoula, matéria prima de produção da heroína, droga financeiramente atrativa devido ao alto valor pago por cada miligrama do produto. A primeira vista paradoxalmente, é apenas uma mísera porção do montante da cocaína produzida no país que se destina aos mercados domésticos. A maior parte da droga produzida é destinada aos mercados dos Estados Unidos e da Europa, sendo este primeiro país sozinho responsável pelo consumo de metade da cocaína colombiana³. A região tem, do ponto de vista de seu espaço natural, características bastante distintas das encontradas na porção dos altiplanos. É uma imensa planície que se estende desde o sopé da cordilheira dos Andes até as fronteiras com Brasil, Peru e Equador e é coberta por uma densa vegetação de características amazônicas.

Apesar de suas características naturais bastante homogêneas, a Região Cocaleira não é definida em função de suas características no que diz respeito ao clima, relevo ou vegetação. Observaremos inclusive que, embora a Região Cocaleira encontre-se contida no espaço amazônico, esta apresenta características específicas restritas à apenas algumas determinadas porções do espaço amazônico. E mais do que isso, a Região em

² FILIPONNE, 1995, P.137

³ WDR, 2005, p. 76

questão é definida não em torno de suas características físicas. Nem tampouco pode ser confundida com a simples espacialização das áreas na qual a coca é cultivada. A região deve ser definida, em realidade, ao redor de suas características econômicas e políticas⁴. A peculiaridade dos espaços que propomos chamar de “Região Cocaleira” é sua configuração em torno de uma agricultura praticada em sua maior parte em pequenas propriedades familiares organizadas pela presença das guerrilhas das FARC-EP. Nestes espaços, como demonstraremos mais à frente, as guerrilhas são responsáveis por estruturarem uma ordem distinta daquela comandada pelo Estado, constituindo bastiões de poder em torno da defesa da agricultura minifundiária da Coca, responsável por fornecer, além de grandes aportes financeiros, a base política de atuação da organização armada.

É justamente a partir da peculiaridade desta porção do espaço colombiano que se origina sua justificativa enquanto recorte teórico. A Região Cocaleira compreende um espaço dentro do território nacional colombiano sujeito a um funcionamento bastante distinto das regras do Estado e que, embora freqüentemente caracterizado como sinônimo de desordem, é portador de uma ordem coerente, responsável por garantir sua inserção em um importante elo da cadeia do Narcotráfico.

A “Região Cocaleira” é também representativa de um espaço onde se cruzam duas economias distintas e profundamente inter-relacionadas e que serão tomadas em conta a partir de suas peculiaridades e na medida em que interagem. Fazemos referência, no caso, às economias da Coca e da Cocaína, que devem ser cuidadosamente diferenciadas e estudadas de forma a revelar as profundas diferenças sociais e espaciais que as envolvem.

Dinâmica Regional, Coca e Cocaína

A história da conformação do complexo regional cocaleiro se confunde com a história da expansão das fronteiras agrícolas e os processos de colonização

⁴ CORRÊA, 1991, p. 74

descortinados em meados do século XX, com o processo de “colonização armada”⁵ e com a posterior expansão dos cultivos agrícolas ilícitos nas terras ocupadas⁶. A ocupação do território colombiano é caracterizada por ter sido preferencialmente realizada nas terras do chamado altiplano, porção compreendida entre os contrafortes leste e oeste da cordilheira dos Andes⁷. Por extensão, a enorme porção concentrada nas terras baixas e planas amazônicas receberam, via de regra, uma colonização marginal, empreendida em torno de produtos agrícolas de baixo valor e extrativismo realizados por pequenos produtores. Posteriormente, esses mesmos espaços passaram a receber a colonização armada. Viria a se somar a essas atividades, a partir da década de 1960, o cultivo e processamento de drogas ilícitas. A história da apropriação deste espaço é uma das bases para compreender a forma como este se organiza, bem como a forma através da qual dialoga e interage com a economia global e com o próprio espaço nacional. Uma das mais marcantes características desse espaço é o predomínio das formas de colonização “espontâneas” (que incluem a colonização armada e a colonização do narcotráfico), descritas em Mesa⁸ ao lado das formas menos comuns de colonização, a militar (promovida a partir de incursões do exército) e a dirigida ou intencional, resultante de ações estatais como grandes obras de infraestrutura e extrativismo ou de projetos de assentamento empreendidos pelo governo⁹ através do INCORA (Instituto Colombiano de Colonização e Reforma Agrária).

A chamada “colonização espontânea” (ou seja, não dirigida pela ação do Estado) teve como uma de suas principais forças motrizes a “colonização armada” descortinada principalmente nas décadas de 50 e 60. É necessário atentar para a dinâmica dos conflitos no período para que se possa entender o processo em sua complexidade. A década de 50 é marcada por um golpe militar capitaneado por um General Liberal (Gustavo Rojas Pinillo) seguido de um acordo entre os partidos

⁵ MESA, 1999, p. 69

⁶ MESA, 1999, p.78

⁷ CURREA-LUGO, 1999, p. 17

⁸ 1999, p.200

⁹ MESA 1999, p.200

conservador e liberal que há muito tempo vinham se enfrentando em busca do poder. Esse acordo, conhecido como “Frente Nacional”, supunha o revezamento de poder entre os dois principais partidos, ao longo dos sucessivos mandatos. O fim da guerra civil entre as duas agremiações partidárias e o acordo da “Frente Nacional” acabaram por resolver, em grande medida, os problemas políticos das elites nacionais, que passariam, doravante, a cumprir um pacto de alternância no poder. Os Camponeses, entretanto, continuaram alijados de qualquer participação política significativa e passaram a perceber o descompasso entre suas aspirações e os desejos dos dois partidos políticos. Um verniz essencialmente classista desde então cobriria as antigas disputas entre Liberais e Conservadores, e o campesinato passaria a buscar formas autônomas de organização ¹⁰, resistindo às determinações de cessar fogo e se organizando na forma territórios independentes (similares, em termos de organização, aos bastiões de poder vermelho conformados na China pré-revolucionária) denominados “repúblicas independentes” que chegaram a totalizar sete espaços auto-organizados popularmente e que constituíam, dentre outro mecanismos mais ou menos complexos, exércitos próprios (as autodefesas), imbuídos da missão de resistência às constantes tentativas de extermínio oriundas do governo da “Frente Nacional”.

A esse já complexo quadro de acontecimentos deve-se somar a crescente influência do Partido Comunista nas organizações e lutas populares. Os Comunistas buscaram uma aproximação junto às repúblicas independentes e incentivaram a resistência dessas aos ataques governistas. Apesar da heróica resistência travada nessas repúblicas, a maioria delas foi violentamente exterminada e definitivamente banida do mapa pelas forças nacionais, com exceção de uma república situada na porção sul do país, na fronteira atual entre os departamentos de Huila e Tolima, denominada “Marquetália”. A república da “Marquetália” passou, a partir da incorporação do partido comunista (fechado e perseguido pelo governo Rojas), por um processo de

¹⁰ MEDINA, 2001, p. 4

resistência deveras singular¹¹. Cientes da superioridade bélica dos exércitos governistas, camponeses e comunistas¹² passaram à organização de uma guerrilha móvel, que buscava, através de estratégias distintas, resistir aos ataques governistas. Dentre as táticas mais notáveis, deve-se destacar a condição de evitar os conflitos que não se realizassem em condições absolutamente favoráveis às guerrilhas. As guerrilhas passariam a atacar o exército em emboscadas e manteriam sempre o caráter móvel, sem jamais se estabelecer por muito tempo em um mesmo espaço. O êxito dessas condutas, fundamentadas na grande flexibilidade e fluidez obtidas no interior das matas tropicais, tornou impossível a vitória governista e abriu espaço para a manutenção seguida de uma posterior expansão do movimento camponês. É essa organização o que pode ser considerado o embrião das FARC-EP, que ainda hoje contabiliza sua história de vida a partir do ano de 1964 (o ano da fuga da Marquetália).

O sucesso das guerrilhas móveis permitiu sua expansão quantitativa e um crescente apoio por parte dos camponeses que, com a cobertura da guerrilha, vinham a ocupar espaços distantes dos centros econômicos tradicionais colombianos. Esse processo é o que se chamara anteriormente “colonização armada” e deu-se principalmente em torno de estradas e rios, como no caso do rio Caquetá¹³, de forma a conformar o povoamento de espaços remotos e muito pouco integrados à economia e política nacionais. O Estado, para que não se diga que era completamente ausente, marcava sua presença apenas de forma repressiva, com a busca constante em minar os movimentos populares¹⁴ e liquidar as guerrilhas sem, de forma alguma, atacar os condicionantes estruturais do descontentamento popular (falta de terras, crise da produção agrícola, ausência de assistência social). Para compreender a obsessão do Estado colombiano em combater os movimentos populares deve-se considerar não só a força dos interesses latifundiários e das burguesias nascentes, mas também o temor

¹¹ LEECH, 2002, p. 13

¹² MEDINA, 2001, p.21

¹³ MESA, 1999, p. 133

¹⁴ VELÁSQUEZ, 1999, p.9

despertado pela revolução cubana e as pressões Estadunidenses no âmbito da Guerra Fria.¹⁵

A despeito dos esforços colossais do Estado colombiano em erradicar os movimentos de guerrilha, estes conseguiram de forma lenta e gradual, se expandir numérica e territorialmente. Transformava-se assim, cada vez mais, a porção sul e sudeste do país em domínio das forças guerrilheiras, que consolidariam uma significativa influencia regional nas décadas de 70 e 80. Essa influencia crescente pôs as guerrilhas frente-a-frente com um grande dilema: Como lidar com a chegada de um poderoso vetor econômico aos espaços de controle guerrilheiro?

Surgimento e Expansão da Narcoeconomia

A história da narcoeconomia na Colômbia está associada, em primeiro lugar, com a disseminação dos cultivos de Maconha nas décadas de 60 e 70. A revolução cubana, no ano de 1959, expulsou os cultivos da ilha e estes migraram para o território colombiano, onde encontraram condições sociais e ambientais bastante adequadas para se desenvolver. A atividade do Narcotráfico se desenvolveu a partir de antigos membros de outros ramos de atividades ilegais, principalmente contrabandistas de esmeralda que já detinham conhecimento suficiente para realizar uma das mais complexas etapas do tráfico de produtos ilegais, o trânsito transfronteiriço, tarefa que implica em grandes riscos operacionais devido ao fato de envolver a transposição de fronteiras amplamente vigiadas e controladas. Como espaço de produção, a Colômbia dispunha de uma série de fatores favoráveis à expansão do Narcoegócio. Desde características climáticas adequadas e um vasto exército de camponeses pauperizados até latifundiários em crise que enfrentavam com grande pesar, desde a década de 20, as sucessivas crises do setor agrícola, notadamente as do café, principal produto agrícola colombiano¹⁶. Além disso, os preços dos produtos de consumo interno geravam pouca

¹⁵ MEDINA, 2001, p.7

¹⁶ MONTAÑA, 1999, p.47.

receita e uma série incertezas acerca do mercado, agravando principalmente a situação dos pequenos agricultores.

É no contexto de um campo muito pobre geralmente associado às zonas de fronteira agrícola que o Narconegócio vai ganhar projeção. Os espaços em questão são também espaços distantes do controle do Estado¹⁷, uma vez que este se faz pouco presente tanto na vida econômica da região, quanto na política e social. As carências são inúmeras e a presença do Estado raramente se fazia (e se faz, até hoje) sentir-se nesta região, a não ser na forma de seu aparato repressivo voltado contra reivindicações populares.

A expansão da maconha foi um processo bastante significativo nas áreas onde se instalou. Seu impacto, no entanto, teve notoriedade muito menor do que a entrada dos cultivos de Coca, na década de 80, no território colombiano. O vetor de entrada e difusão dessa nova modalidade de cultivo foram os próprios traficantes de maconha que passaram a distribuir sementes e assegurar a compra da produção dos camponeses. As folhas de Coca são a matéria prima fundamental para a fabricação da Cocaína, produto de grande valor agregado e muito procurado nos mercados do mundo todo¹⁸. Dessa forma, os antigos traficantes de maconha passaram a negociar a cocaína e arrastaram junto consigo a dinâmica agrícola anterior em direção dos plantios de coca. É sob esta mesma lógica de maximização dos lucros que os traficantes trarão também, no início da década de 90, os primeiros cultivos de papoula ao solo colombiano¹⁹. A papoula é a matéria prima do ópio e principalmente da heroína que apresenta um valor por grama de produto ainda mais elevado que o da cocaína.

O cultivo da cocaína pode ser considerado como um vetor de dinamização do espaço rural colombiano responsável por organizar uma grande e hierárquica cadeia de agentes distribuídos ao longo de uma série etapas produtivas²⁰. A compreensão das conseqüências desse fator sobre a dinâmica da região em questão exige que

¹⁷ MEZA, 1999, p.2

¹⁸ WDR, 2005, p. 75

¹⁹ MONTAÑA, 1999, p. 48

²⁰ CRETIN, 2001, p.14

explicitemos essas principais etapas e sua organização, de forma a identificar os agentes, grupos e classes envolvidos em cada uma delas.

A cadeia da Narcoeconomia colombiana pode ser dividida para fins analíticos em cinco principais etapas dentre as quais se destacam o “Plantio”, a “Pisagem”, o “Refino”, o “Transporte” (ou “Tráfico” por excelência) e a “Distribuição” final aos mercados consumidores.

A primeira das atividades componentes da economia do narcotráfico é o “Plantio” das folhas de Coca que servirão à produção da cocaína. Essa é uma atividade bastante rudimentar no sentido em que exige poucos cuidados ou insumos agrícolas para se desenvolver. A Coca é um arbusto do qual se aproveitam, para a produção da cocaína, os extratos das folhas. É uma planta nativa dos países andinos, considerada um produto tradicional das culturas indígenas da Bolívia, Peru e Colômbia, fator que diminui os constrangimentos de ordem moral por parte dos plantadores. É produzida preferencialmente na porção amazônica desses três países²¹, Emprega uma enorme quantidade de pequenos produtores, sendo estimados em 300.000 os que vivem do cultivo da planta só na Colômbia. Os produtores de coca, freqüentemente chamados de “cocaleiros”, compõem um expressivo setor de trabalhadores nos três países citados, com destaque para o caso Boliviano, onde atingem elevado grau de mobilização. De forma contrária, no caso colombiano, a tradição de violência regionalista e a “*manutenção da estrutura caudilhista*”²² imposta pelos latifundiários há muito tempo dificulta semelhante organização, fato que permite aos traficantes explorar de forma mais intensa o trabalho dos cocaleiros colombianos.

O fato da maioria dos cocaleiros ter sido atraída para a atividade por razões econômicas não significa que estes possam ser confundidos com os grandes traficantes (também chamados “capos”). Os pequenos agricultores são empurrados para o plantio de coca como única alternativa para permanecer no campo sem engrossar as fileiras do desemprego urbano e partilham as migalhas do lucrativo negócio do Narcotráfico,

²¹ FILIPONNE, 1995, p.137

²² VELÁSQUEZ, 1999, p.6

ficando com apenas 10% de todo o montante gerado no país através das atividades ilícitas²³. Não se pode, portanto, confundir os cocaleiros com os poderosos traficantes colombianos e americanos, que dividem entre um restrito círculo de máfias que partilham os lucros imensos advindos do negócio.

A segunda atividade fundamental no processo de produção da cocaína é chamada de “Pisagem” e consiste num processo de extração dos princípios ativos da planta. É realizado por indígenas e camponeses também bastante pobres, mas que obtém receitas um pouco maiores em relação aos cocaleiros. O processo de extração consiste em deixar as folhas de molho em uma solução de querosene e pisoteá-las de forma continuada. Desse processo resulta um pré-produto chamado “pasta base” que servirá, posteriormente, de base para o refino da cocaína²⁴.

A terceira etapa fundamental no processo de produção da cocaína é o refino, que consiste na atividade de isolar e concentrar as substâncias psicoativas da coca, na forma de cocaína em pó. Esta etapa é a primeira das cinco que não é realizada pelos camponeses de forma autônoma, sendo operada por profissionais de grande qualificação contratados pelos grandes traficantes de drogas²⁵. O narcotráfico é organizado de forma similar a muitas empresas modernas, de tal forma que as “empresas” especializadas na atividade de narcotráfico na Colômbia são denominadas com um termo muito usado para caracterizar a economia formal. Costumam-se chamar “cartéis” e são responsáveis por algumas, às vezes todas, as etapas da cadeia de produção da cocaína. O primeiro grande cartel de que se tem notícia, o Cartel de Medellín, do lendário Pablo Escobar, controlava parte significativa dos cultivos de coca de que se utilizava e dispunha de uma grande rede de distribuição nos mercados dos Estados Unidos. Os grandes chefes do narcotráfico, costumeiramente chamados de “capos”, como Escobar vivem nas grandes cidades e ocupam lugar de destaque nas

²³ FILIPONNE, 1995, p. 138

²⁴ CRAIG, 1995, p. 129

²⁵ CRETIN, 2001, p.15-16

elites urbanas em que se inserem²⁶. É a partir das cidades que o tráfico exerce suas funções mais estratégicas, como as tarefas ligadas ao gerenciamento e administração dos negócios e às atividades de lavagem de dinheiro.

Com o desmembramento de Medellín veio a tona uma outra organização sediada na cidade de Cali, terceira maior cidade do país, de onde se originava um outro importante cartel. O Cartel de Cali trouxe uma série de inovações de caráter organizacional para o complexo da cocaína ao adotar um processo de desconcentração de suas funções. Desta forma, a produção das folhas de coca e sua pisagem deixavam de ser funções realizadas pelo cartel, fato que garantia uma produção pulverizada por grandes porções do território. Tal fórmula ajudava a diminuir o impacto das apreensões no fornecimento de coca para a fabricação de cocaína, além de afastar os membros do Cartel de uma atividade muito visada e pouco lucrativa (ou seja, a produção das folhas).

As profundas transformações introduzidas pelo Cartel de Cali na forma de organizar as etapas da produção selaram o destino de todos os cartéis que viriam a sucedê-lo. Desde então, o modelo de Cali, centrado nas etapas mais lucrativas e de menor risco da cadeia da Cocaína, passaria a ser o modelo organizacional utilizado até os dias de hoje²⁷.

Outra importante modificação implantada pelo cartel de Cali na cadeia de produção da cocaína relacionou-se com a distribuição do produto nos mercados consumidores, principalmente os Estados Unidos. O Cartel de Medellín, antecessor de Cali, dispunha de uma ampla rede de distribuição do produto em solo estrangeiro, fato que o tornava suscetível à repressão policial. Cali, no entanto, eximiu-se também desta atividade, transferidas às células criminosas locais e quadrilhas não necessariamente colombianas já instaladas nos Estados Unidos. Apesar da enorme capacidade de adaptação exibida pelo cartel de Cali, este também não resistiu à prisão de seus líderes históricos, os “irmãos Orejuela”, no início dos anos 90. Este episódio não significou o fim do cartel de Cali, mas a redução de sua participação no Narconegócio, seguida da

²⁶ CRAIG, 1995, p. 151

²⁷ CRETIN, 2001, p.19

emergência de novas organizações, de porte mediano, e que passariam a partilhar o mercado dos narcóticos.

A atividade de refino da cocaína é realizada em laboratórios de pequeno e médio porte escondidos na selva amazônica. Diferentemente do plantio das folhas, realizados também nos países vizinhos como Bolívia e Peru, o refino é uma atividade quase exclusiva do território colombiano. A atividade de refino envolve uma série de insumos químicos contrabandeados através dos rios locais em direção aos laboratórios, sendo os principais dentre estes insumos a Acetona e o Ácido Clorídrico, utilizados para transformar a pasta base (com aproximadamente 40% de pureza) na cocaína em pó (com até 99% de pureza). Uma importante característica desta etapa é o fato de empregar profissionais altamente qualificados, uma vez que o rendimento e pureza dos produtos são determinados no momento do refino.

A quarta atividade no complexo da Cocaína é o transporte da cocaína das áreas de produção em direção aos mercados dos países consumidores. Esta atividade foi, num primeiro momento, realizada através das “mulas”, pessoas que escondiam drogas em seus próprios corpos (inclusive no estômago), no intuito de driblar o controle alfandegário dos países de destino. Nesse contexto, Carlos Lehder, grande traficante de Medellín, passou a ser conhecido como o “Henry Ford” das drogas, na medida em que substituiu o transporte das mulas pelo transporte em pequenos aviões, de forma que a quantidade de cocaína que ingressava no mercado americano conheceu violento incremento, dada a capacidade muito superior de carga dos aviões em relação às mulas. Hoje em dia, além do transporte via aérea, uma parte considerável da cocaína chega aos mercados americanos e europeus através de navios. O Acirramento do processo de mundialização da economia, responsável por uma aceleração nos fluxos de mercadorias entre os países acelerou um certo processo de “descontrole” das fronteiras e facilitou a circulação de produtos ilícitos.

A importância da Narcoeconomia em todos os países andinos e principalmente na Colômbia é enorme. Estima-se ²⁸ que a economia das drogas gere algo em torno de um milhão de empregos nos países andinos e trezentos mil só na Colômbia.

Região, Capitalismo e Narcotráfico

A chegada do narcotráfico na região deve ser vista como um agente dinamizador da economia e da vida social locais. Representou a transição de uma economia de subsistência, de caráter local/regional para uma organização econômica profundamente complexa e inserida no capitalismo em seu âmbito global. As redes do Narcotráfico foram responsáveis por inserir a região em um complexo de relações que envolvem desde os pequenos produtores colombianos até seus consumidores principais, Estados Unidos e países europeus ²⁹. No caminho entre a produção e o consumo o Narcotráfico estabelece suas redes de transporte ao longo de diversos países, além da própria Colômbia. Na Colômbia o escoamento da produção se dá preferencialmente através dos rios e estradas da região. Após o processo de refino, a maioria da coca é embarcada em aviões clandestinos de pequeno porte. Por isso, é também um dos pontos chave para a cadeia do narcotráfico o uso das pistas ilegais a partir das quais a produção é escoada em direção a algum país de trânsito como Brasil, Honduras, Venezuela, Bolívia, México, Jamaica e Bahamas.

Há também um importante grupo de países que contribuem de forma decisiva para no Narcoegócio dentre os quais se poderia citar Bahamas, Ilhas Cayman, Ilhas Jersey, Suíça e Uruguai ³⁰. Nestes países ocorre a maior parte das operações de “lavagem de dinheiro”, prática que consiste em tornar legal o dinheiro conseguido ilegalmente, através dos investimentos em empreendimentos privados de fachada. Os Narcotraficantes colombianos também depositam grande parte do dinheiro ilegal em

²⁸ FILIPONNE 1995, p. 37,

²⁹ FLYNN, 1995, p. 158

³⁰ FLYNN, 1995, p.169

empresas nacionais e outras organizações como times de futebol e rádios ³¹. O Estado colombiano, profundamente permeado e sujeito às intimidações do dinheiro e do poder armado das Elites narcotraficantes³², não dá mostras de combater com grande determinação os grandes barões que vivem do negócio da Cocaína. Mesmo os poucos membros do aparelho de Estado (como juízes e delegados) que ousaram opor-se ao poder do Narcotráfico sofreram sucessivos ataques, muitos deles terminando em mortes. É costumeiro atribuir a expressão “o plomo o la plata” aos avisos de intimidação realizados pelos Narcotraficantes aos funcionários públicos, simbolizando a sentença de escolher entre aceitar suborno ou morrer.

Um dos paradoxos encontrados nesta região é que, a despeito da profunda integração que a região cocaleira colombiana desenvolve com o capitalismo mundial, sua integração enquanto um setor do capitalismo nacional apresenta-se de forma bastante precária. Curiosamente, apenas 10% da produção de drogas do país se destina ao mercado interno ³³.

Embora muitos autores colombianos associem os pequenos agricultores à idéia de um campesinato que produz coca por motivos tradicionais, esta concepção é bastante questionável. Os camponeses parecem-se mais com proletários modernos na medida em que se encontram profundamente imbricados com a economia mundializada, apesar de fragmentada em pequenos espaços de produção. A maioria dos “cocaleiros” é muito pobre e obtém ganhos muito baixos com o plantio. Soma-se a isso, o fato do Estado se fazer pouco presente no plano social ³⁴, de forma que os serviços coletivos são bastante precários em relação aos dispostos na porção do altiplano do país. Essa ausência do Estado no plano social, entretanto, é radicalmente contrastável com as inúmeras tentativas de se fazer presente no plano militar e que resultaram, na maioria das vezes, em episódios de violência diretamente voltados contra organizações populares ou “de esquerda”. É essa situação de descaso que favoreceu a prevalência de um importante

³¹ FILIPONNE, 1995, p.144

³² CRETIN, 2001, p.19

³³ CRAIG, 1995, p.130

³⁴ MESA, 1999, p.81

ator na região, a guerrilha FARC-EP, responsáveis por organizar de forma bastante peculiar a região em questão, como veremos a seguir.

Movimentos Guerrilheiros e Poder

As Guerrilhas das FARC-EP nasceram no ano de 1964 a partir do episódio da Marquetália. Desde sua origem é composta, em sua maioria, por pequenos agricultores pauperizados e indígenas expropriados de suas terras³⁵. Muitos autores reconhecem que, se num primeiro momento, o motivo de ingresso nas guerrilhas era luta política hoje é preferencialmente a luta econômica³⁶. A entrada nas guerrilhas assegura um relativo padrão de vida e alimentação, além de conferir prestígio e respeito, principalmente aos jovens. Um dos outros pilares fundamentais de origem das FARC foi a perseguição sofrida pelos comunistas nas décadas de 50 e 60, diante da qual muito se refugiaram no campo e buscaram organizar, junto aos camponeses, movimentos de resistência. Alguns desses membros permanecem vivos até hoje, ocupando cargos no comando central da organização. Nomes como Manuel Marulanda (o “Tirofijo”) e Raul Reyes permanecem vivos ainda hoje, beirando cerca de 70 anos de idade. Seu objetivo inicial e ainda não descartado é a tomada do poder e a instalação de um governo de caráter popular socialista e “bolivariano”³⁷, com a implementação de uma ampla reforma agrária e com a coletivização das propriedades que gerem mais de um milhão de dólares anuais a seus proprietários.

O papel desempenhado pelas guerrilhas na região cocaleira merece destaque pela forma peculiar com que organiza as dinâmicas da vida econômica e política da região, uma vez que o poder de atuação do Estado na região sempre foi mínimo. Deve-se também observar a relação estabelecida em escala regional entre as Guerrilhas e os Narcotraficantes, freqüentemente reduzida pelos grandes meios de comunicação a uma relação de total promiscuidade. Poucas fontes acadêmicas supõem que as FARC

³⁵ MEDINA, 2001, p.10

³⁶ SUÁREZ, 1999, p. 33

³⁷ ARENAS, 1985, p.12-14

operem o comércio de cocaína em nível internacional, e a maioria delas reconhece a condição de oposição e de conflito entre as Guerrilhas e os Narcotraficantes³⁸.

A relação entre as guerrilhas e a economia da coca é na verdade muito mais complexa do que uma mera associação com os Narcotraficantes. É uma relação contraditória onde o Narcotráfico é submetido a condutas impostas pelas guerrilhas que contribuem em grande medida o financiamento destas. Por este motivo e pelo caráter de classe das guerrilhas, os Narcotraficantes mantêm-se frontalmente hostis às organizações guerrilheiras, inclusive financiando exércitos paramilitares para o combate direto e para além do Estado às guerrilhas³⁹. Esse poder de organizar o território de que dispõe as FARC-EP na região em questão emana em grande medida de seu poder de exercer controle sobre a circulação de bens e pessoas no espaço regional. As Guerrilhas controlam a vida da região na medida em que controlam as estradas, rios, portos e aeroportos, além das redes de eletricidade e combustíveis.

É devido ao seu amplo controle sobre a circulação em escala regional que as guerrilhas podem extrair seu sustento da exploração dos “recursos” disponíveis nesta região dentre os quais o destaca-se a coca, muito mais significativa que outros produtos como as esmeraldas ou o café. Através do controle do território, as guerrilhas são capazes exigir a cobrança de tributos sobre a atividade do Narcotráfico. A cobrança de tributos se inicia na base da produção, atingindo os cocaleiros de forma pouco intensa (uma vez que são proporcionalmente maiores as alíquotas à medida que crescem os rendimentos referentes às atividades) com a cobrança de um imposto de cerca de 4% sobre o valor da produção de folhas. A partir daí aí, as alíquotas são crescentes na medida em que avançam em direção a setores mais complexos e lucrativos da cadeia da coca⁴⁰. As maiores alíquotas são cobradas sobre a cocaína refinada, saída do laboratório e pelo uso das pistas de pouso e decolagem, chegando a atingir até 15 mil dólares por vôo. Também são cobrados impostos sobre os produtos químicos como a

³⁸ MEDINA (2001, p.92), MEZA (1999, p.163) e LAIR (1999, p.73).

³⁹ RILEY, 1995, p.194.

⁴⁰ MEZA, 1999, p. 84

acetona e o ácido clorídrico, contrabandeados através dos rios da região. Os impostos são chamados pelas guerrilhas de “impostos revolucionários” e contribuíram de forma decisiva para o crescimento da organização nos anos noventa, passando de 3.600 membros para cerca de 15.000 atuais.⁴¹

O dinheiro advindo do narcotráfico permitiu às guerrilhas uma expansão qualitativa, na medida em que estas passaram a dispor de armas modernas, equipamentos de comunicação e outros recursos tecnológicos. A melhora nas condições materiais da guerrilha permitiu a esta pagar soldos para os guerrilheiros, fato que garante a estes acesso a alguns bens de primeira necessidade. Por este motivo, a guerrilha surgiu também como uma alternativa econômica ao cultivo miserável da coca ou de outros gêneros agrícolas. São também as guerrilhas que possibilitam uma posição de respeito aos seus membros e perspectiva de mobilidade em uma escala de atribuições de responsabilidades.

O fato das guerrilhas terem se beneficiado da expansão dos fluxos financeiros advindos dos tributos sobre a exploração dos recursos e destes terem propiciado, em grande medida, a expansão numérica das guerrilhas não nos deve fazer pensar que seja este o único pilar de expansão dos grupos armados. As guerrilhas têm como uma preocupação constante a manutenção de sua base classista, os pequenos produtores agrícolas, de forma que em troca dos impostos arrecadados, fornecem proteção aos cocaleiros contra violência por parte dos narcotraficantes. Recentemente, a guerrilha tem também tomado partido nas negociações entre os camponeses e os atravessadores a serviço do narcotráfico. Chega, inclusive em alguns casos, a estabelecer um preço de garantia pago pela própria organização para que o produtor sobreviva às oscilações sazonais dos preços do produto. Essas modalidades de intervenção e mediação guerrilheira têm como objetivo garantir legitimidade junto aos pequenos produtores, além de impedir sua migração em direção às grandes cidades devido à insuficiência de receita e a conseqüente incapacidade de sobreviver.

⁴¹ SUÁREZ, 1999, p.30

Uma outra forma fundamental de legitimação da presença das guerrilhas é seu papel de organizador político local. Nas cidades em que os guerrilheiros se estabelecem, geralmente, são tomadas uma série de medidas que acabam por depor os representantes eleitos do governo e instituir um poder guerrilheiro constituído capaz de regular a vida local. Por mais surpreendente que possa parecer, a chegada das guerrilhas acaba por instituir uma certa ordem aos municípios ocupados. O toque de recolher é instituído e a venda de bebidas alcoólicas é proibida a partir de determinadas horas. Os guerrilheiros caçam as gangues locais e reprimem a criminalidade além de instituírem mecanismos de direito civil, com a criação de tribunais para pequenos problemas de convivência⁴². A fórmula adotada pelas organizações guerrilheiras foi capaz de reduzir drasticamente a violência e as mortes por armas de fogo na maioria das localidades onde foi implantada.

Embora as guerrilhas pareçam hoje perfeitamente adaptadas à economia da coca, não foi assim desde o início. Num primeiro momento, entre o final da década de 70 e o início da década de 80 (início da expansão dos cultivos de Coca) houve um profundo debate interno por parte das FARC-EP com a população e representantes religiosos locais, acerca da proibição ou aceitação dos cultivos.⁴³ Num segundo momento, os cultivos foram aceitos e passariam a desempenhar papel cada vez mais significativo nas finanças da organização. A Coca é hoje a principal fonte de financiamento das guerrilhas, correspondendo à cerca de 50% da receita arrecada. A outra parte do financiamento é dada pelos tributos cobrados sobre o petróleo, esmeraldas, café, gado e bananas. Também contribuem para este financiamento a extorsão às grandes empresas (que serão mais bem detalhadas no próximo capítulo) e o seqüestro de autoridades e de membros das classes proprietárias (que também tem a importante função política de se prestarem às trocas de prisioneiros e garantirem aparição e divulgação por parte das guerrilhas em rede nacional). Há ainda uma

⁴² LEECH, 2002, p.95

⁴³ MEDINA, 2001, p.2

pequena, porém não desprezível porcentagem dos ingressos das guerrilhas (cerca de 10%) que encontram sua origem em doações voluntárias.⁴⁴

Se procurarmos fazer um breve balanço do impacto da expansão dos cultivos de coca sobre as FARC-EP pode-se supor uma série de benefícios e malefícios resultantes do ingresso do dinheiro da narcoeconomia na organização. Dentre os impactos positivos desta opção, podemos destacar o grande incremento de receita para a organização, fato que vem permitindo sua expansão tanto em termos numéricos como em termos qualitativos. Além disso, a postura das guerrilhas frente aos pequenos cultivos de coca e o fornecimento de proteção aos pequenos produtores ajudou a ampliar a legitimidade da organização em nível local⁴⁵. E mais ainda, conferiu uma certa relação de estabilidade à guerrilha que passou a negociar com o governo a partir de condições muito mais favoráveis e sem sofrer pressões por parte do tempo. Se pensarmos nos impactos negativos da expansão dos cultivos sobre a economia das FARC-EP, podemos citar o aumento do descrédito junto às opiniões pública nacional e internacional. Também devemos atentar para a maior facilidade para um tratamento criminalista da questão, sem contar o fato de fornecer argumentos para elaboração de teorias infundadas (como a idéia de que existem “narcoguerrilhas”) que servem de legitimação para repressão contra as guerrilhas.

O fato é que o balanço da opção das guerrilhas em favor da aceitação dos cultivos tem pesado de forma favorável na expansão de seu poderio militar e político. Da supremacia militar em amplas porções do território derivou-se uma importante modificação na organização das guerrilhas na década de 90. Se durante mais de vinte anos estas permaneceram móveis ao longo das selvas, elas passariam agora a adotar um processo de fixação, de forma a conformar um padrão social e territorialmente estável⁴⁶, que pode ser identificado como motor da regionalização a que nos propusemos estudar.

⁴⁴ MEDINA, 2001, p.196

⁴⁵ CURREA-LUGO, 1999, p.7

⁴⁶ SUÁREZ, 1999, p.29

Talvez a maior evidência do absurdo da afirmação de que as guerrilhas se confundem com os narcotraficantes seja o fato de que estes últimos, preocupados com a expansão das guerrilhas, têm constituído verdadeiros exércitos particulares, os chamados exércitos “Paramilitares”, normalmente associados aos setores conservadores e de direita, representantes da burguesia nacional e dos interesses estrangeiros no país. Embora tenham se originado como braço armado do narcotráfico, os Paramilitares vêm, cada vez mais, recebendo apoio de latifundiários de modalidades diversas e empresas nacionais e transnacionais que percebem nas guerrilhas uma ameaça à lucratividade dos negócios, na medida em que estas regulam, principalmente na região petrolífera (como veremos no próximo capítulo), uma parte significativa das infra-estruturas utilizadas para escoar o petróleo, além de outros produtos⁴⁷. Denúncias contra empresas estrangeiras, principalmente dos Estados Unidos, são freqüentes, podendo-se destacar as que tratam do envolvimento da TEXACO e da Coca-Cola no financiamento ao paramilitarismo ⁴⁸. Os Paramilitares têm como sua característica peculiar o fato de ser um instrumento de classe para além da lei, de modo que esses exércitos cometem diversas atrocidades não só contra os guerrilheiros, mas também sobre pequenos produtores suspeitos de simpatizar com a guerrilha, intelectuais e líderes políticos de esquerda, líderes sindicais e indígenas. O que se assiste é uma sistemática eliminação da esquerda no contexto político nacional, com a conivência das forças de Estado como a polícia e o Exército⁴⁹. São freqüentes as denúncias de envolvimento de membros das forças nacionais nos exércitos paramilitares, onde normalmente recebem salários muito mais convidativos. ⁵⁰ A força pública é claramente conivente e até incentivadora do paramilitarismo, instrumento fundamental para reprimir as manifestações populares e de esquerda.

⁴⁷ CALDERÓN, 1999, p.101-102

⁴⁸ LEECH, 2002, p.19

⁴⁹ CALDERÓN, 1999, p.97

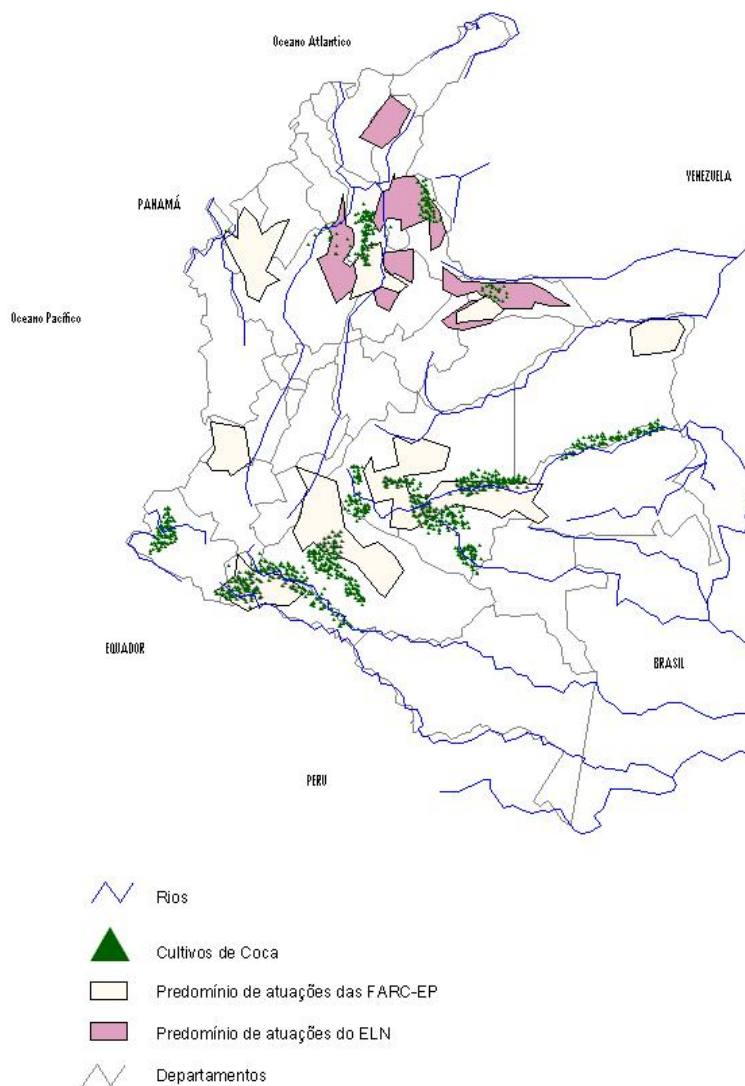
⁵⁰ LEECH, 2002, p.53

Referências bibliográficas

- Araújo B. e Liberatti, M. A (1997). in: “*Conflitos localizados no mundo Contemporâneo*” Pesquisa NAIIPPE/USP
- Arenas, Jacobo (1985) – “*Cese el fuego: Uma história Política de las FARC*” Bogotá, Oveja Negra
- Calderón, O (1999) – “*La seguridad estatal en Colombia*” – Rev. América Latina Hoy, n.23, diciembre, Salamanca
- Craig, R. B. – “*El Tráfico Ilícito de Drogas: Implicaciones para los países sudamericanos donde se origina*” in: El Narcotráfico, IICLA (Instituto de investigaciones Culturales Latinoamericanas) – Rev. Occidental, Tijuana, México, 1995
- Cretin, T. (1997) – “*Maifias du Monde*”, Paris, Presses universitaires de France
- Currea-Lugo, V. (1999) – “*Un intento por explicar la violencia política en Colombia: Y sí no somos nación?*” – Rev. América Latina Hoy, n.23, diciembre, Salamanca
- Filiponne, R. – “*El cartel de Cali y el futuro da lucha anti- drogas*” Rev. Occidental, Ano 12 / N. 2 / 1995
- Flynn, Stephen – “*Erosión de la soberanía y incipiente globalização del narcotráfico*” Rev. Occidental, Ano 12/ N. 2/ 1995
- Lair, E. (1999) – “*El Terror, Recurso Estratégico de los Actores Armados*” Rev. Análisis Político, Bogotá, mai/ago
- Leech, G. (2002) – “*Killing Peace: colombia’s conflict and failure of u.s. intervention*” New York, INOTA (Information Networks of America)
- Mansilla, H. C. F. (1995) – “*Reflexiones críticas sobre la legalización o prohibición de drogas en el área sudamericana*” Rev. Occidental Ano 12 / n 1
- Marquez, J. C. P. (1999) – “*Casanare: Llano y Petróleo*” Villavicencio, Meta, Colombia, Ed. Corpes Orinoquia
- Medina, J. G. F. (2001) – “*As FARC: Dimensão Organizacional e Política*” Campinas-UNICAMP-IFCH, Dissertação de Mestrado
- Medina, J. G. F. (2001b) – “*Las Farc y su relación con la economía de la coca en el sur de Colombia*” no Site www.mamacoca.org
- Medina, M (2000) – “*Las Tropas Siguen al Líder si se Compromete con ellas*” Rev. Análisis Político, n. 39 (ene-abr)
- Mesa, G. M. V. L. de (1999) – “*Territorio e Poder: A Formação Sócioespacial Colombiana*” São Paulo, USP (Tese de Doutorado)
- Meza, R. V. (1999) – “*The FARC and the illicit drug trade*” in: Democracias baja fuego: Drogas y poder en America Latina. WOLA (Washington Office on Latin América”

- Mondragón, H. (1999) – “*Inversiones con violencia o inversiones para la paz?*” – Rev. América Latina Hoy, n.23, diciembre, Salamanca
- Montana, D. F. (1999) – “*Reforma Agrária en la solución de los conflictos armados*” – Rev. América Latina Hoy, n.23, diciembre, Salamanca
- Moraes, A. C. R. (1999) – “*Geografia: Pequena História Crítica*” São Paulo, HUCITEC, 17ª Edição
- Ortiz, C. M. (2001) – “*Actores Armados, territórios e Poblaciones*” Rev. Análisis Político, Bogotá, jan/abr
- Painter, J – “*Políticas para Frenar el Narcotráfico em Bolívia*” in: El Narcotráfico, IICLA (Instituto de investigaciones Culturales Latinoamericanas) – Rev. Occidental, Tijuana, México, 1995
- Riley, K. J. – “*Relación Entre La Industria Colombiana De La Droga Y Violencia Política De Los Escuadrones De La Muerte*” in: El Narcotráfico, IICLA (Instituto de investigaciones Culturales Latinoamericanas) – Rev. Occidental, Tijuana, México, 1995
- Rojas, H (1985)- “*Os movimentos sociais agrários na América do sul com especial referencia à Colômbia*” – in: Revoluções camponesas na América latina, ed. Ícone
- Suárez, A. (1999) – “*Colombia: justicia y conflicto*” – Rev. América Latina Hoy, n.23, diciembre, Salamanca
- Velásquez, A. V. (1999) – “*Colombia al final del siglo: entre la guerra y la paz*” – Rev. América Latina Hoy, n.23, diciembre, Salamanca
- WDR – “*World Drug Report*” (2006) in: www.unodc.org/unodc/world_drug_report.html (16/3/2007)

Mapa 3: Economia da Coca e Presença das Guerrilhas



e - premissas

revista de estudos estratégicos

Nº 03 – Janeiro/junho – 2008